

OS QUE NÃO MORRERAM VELAM (VÍDEO)

Maria Otília Pereira Lage • Professora. Universidade Lusófona do Porto. Investigadora do CITCEM – Faculdade de Letras da Universidade do Porto. E-mail: otillialage@sapo.pt

Envio em: fevereiro de 2012.

Aceite em: fevereiro de 2012.

Resumo: “Os que não morreram velam”, verso do poema “Europa”, de Adolfo Casais Monteiro, lido pelo também exilado português, António Pedro, aos microfones da BBC, nas vésperas de terminar a II Guerra Mundial, é o título simbólico deste vídeo (22 minutos)⁶, que documenta um episódio da contemporaneidade portuguesa, configurado pela exploração do volfrâmio/tungsténio, de que Portugal foi o 1º produtor europeu. A experiência e a cultura das populações portuguesas então forjadas e, hoje, largamente ocultas, tornam-se, assim, visíveis nas imagens/sons de humanos e não humanos, evidenciando aspectos e situações concretas de uma conjuntura sóciohistórica nas suas múltiplas vertentes: técnica, econômica, social, cultural e política. Gentes e canções, pedras negras transmutadas em pó reluzente, pago a peso de ouro, paisagens rurais/urbanas, ruínas e solos revolvidos, laboratórios e museus, filões minerais no interior da terra, empreendimentos industriais e mineiros arruinados, saberes técnicos e leigos, testemunhos, depoimentos e memórias, constroem, nômadas e sedentários, o principal protagonista deste documentário, o volfrâmio/tungsténio, minério metálico intensamente utilizado em ferramentas industriais e no fabrico de armamento, durante a I e II Guerra Mundiais, mas pelas suas muitas outras aplicações, produzido pela história como o metal estratégico do séc XX.

Palavras-chave: Exploração mineira. Volfrâmio-Tungsténio – Portugal. II Guerra Mundial.

THOSE WHO HAVEN'T DIED KEEP WATCH

Abstract: “Those who haven’t died keep watch “ verse of the poem “Europe” Adolfo Casais Monteiro, also read by the exiled Portuguese, Antonio Pedro, the microphones of the BBC on the end of World War II is the title of these video (22 m).⁷ That is an attempt to document an episode of our times that it was holding in Portugal of wolfram/tungsten. The experience and culture of Portuguese populations then forged and still largely hidden, thus become visible in the images/sounds of human and nonhuman. People and songs, stones gleaming black powder transmuted paid their weight in gold, countryside/urban ruins and upturned soil, laboratories and museums, mineral veins within the earth, industrial and mining enterprises in ruins, technical knowledge and lay witnesses, testimonies and memories, build, nomadic and sedentary, the main protagonist of this documentary, the wolfram/tungsten, metal used in industrial tools and manufacture of weapons during World Wars I and II, but for its many other applications, produced by history as a strategic meta in twentieth century.

Key-words: Mining – tungsten – wolfram. Portugal. World War II.

6 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=EYmy-RQjoqw>>

7 Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=EYmy-RQjoqw>>

Este documentário videográfico foi construído no âmbito dos trabalhos preparatórios de nossa tese de doutoramento “*Wolfram=Volfrâmio: terra revolvida, memória revolta. Para uma análise transversal da sociedade portuguesa (anos 1930-1960)*”⁸, a partir da edição de uma série de imagens produzidas em filmagens feitas em zonas mineiras do norte e centro de Portugal e que fazem parte do nosso arquivo audio-visual inédito “*Minas: paisagens, ruínas, miragens*”, que construímos em um curto e intenso trabalho de campo, realizado entre 1995-1999, em regiões e localidades mineiras de volfrâmio/estanho mais representativas. Resulta, assim, de uma pesquisa sistemática, de registo e organização em suporte audiovisual de fontes materiais e orais – fotografias, fragmentos de documentário fílmico da época⁹, de narrativas e depoimentos individuais, textos literários e documentos de espólios particulares, cedidos por alguns “informantes privilegiados” que vivenciaram a saga do volfrâmio.

Durante cerca de 4 anos, metemos “botas” às cobras de asfalto serpenteando serras, hoje desertas, para realizar este trabalho de campo, necessário ao recolhimento de fontes materiais e orais, testemunhos de idosos ainda vivos da época do Volfrâmio, “ouro preto” estrategicamente usado pelos países do Eixo, países Aliados e “neutros”, como Portugal, no conflito mundial que mais mortes causou no século XX.

O trabalho de campo, que produziu este documento videográfico e o arquivo audio-visual que lhe serve de suporte, foi orientado por metodologias etnográficas e sociológicas e suscitado quer pela natureza socio-técnica do objeto, que nos impôs que procurássemos as marcas e indícios da exploração ainda recente desse minério, quer pela compulsão ao trabalho de campo que os documentos de arquivo – em regra institucionais, fontes clássicas para a história – , sempre provocam.

Este documentário começou por ser um meio de recolhimento e organização metódica de um arquivo de imagens audiovisuais necessárias ao processo de investigação científica, associando-lhe, depois, outros materiais de pesquisa de difícil tratamento na lógica científica da análise social, como o são as ficções literárias, os testemunhos e memórias reconstruídas, as mitologias várias, que, em regra, perpassam esses materiais e certo tipo de documentos, cujo tratamento e análise se revelam de maior dificuldade quanto à respectiva integração na racionalidade teórica.

Na sua globalidade, os produtos audiovisuais resultantes da pesquisa científica, como se percebe no visionamento de “Os que não morreram velam” – projetado sobre o écran panorâmico, uma (re)construção visual da história do volfrâmio, objecto sociotécnico – , pretendem documentar a captação do histórico e da sua inscrição no social, materialidades históricas – lugares, objetos, práticas, saberes – que ilustram,

8 Editada pela Universidade do Minho em 2002, com o patrocínio da FCT/Portugal.

9 “As Minas da Panasqueira”, documentário de Perdígão Queiroga, anos 1950.

genericamente, os seguintes tópicos: paisagens revolvidas pela atividade extractiva em zonas mineiras de volfrâmio (Norte e Centro de Portugal) e elementos de arqueologia paleo-industrial; testemunhos, memórias individuais e memória social; identidades e percursos itinerantes; sentimentos de preservação histórica – cultural e patrimonial; zonas de sombra e páginas em branco desse processo histórico.

Mas, para além desse papel de *traço* e da sua função de *representação* na prática científica, o que suscita, desde logo, uma reflexão sobre representação e prática científica, visualização e conhecimento científico – já que “[a] técnica torna visível não o próprio objecto, mas o resultado da sua acção, o qual chamei, seguindo Bruno Latour, o seu traço” (BASTIDE, 1979, p.189) –, procuramos, ao empreender o esforço complementar de organizar esses materiais sob a forma de documentário videográfico, poder vir a contribuir para conferir outras formas de visibilidade pública aos trabalhos de investigação científica, e, desse modo, ativar a dimensão ética e de cidadania que o conhecimento comporta.

Aqui, registamos figuras, marcas, sinais, indícios – fragmentos de que se (re)constrói a história subterrânea das populações anónimas portuguesas, neste caso, saga contemporânea de (in)certezas e (in)coerências, cuja narrativa poliédrica e interpretação fractal nos interpelam. Abandonamos “o velho hábito intelectual que faz dos documentos e dos monumentos objectos para ilustrar enquanto eles são de facto fontes para interpretar” (GRISLAIN, 1985, p.485). Na história das populações que prosseguimos, diversificamos e cruzamos fontes; na análise social que aí se quer ancorada, recolhemos/(re)construímos dados e materiais que com aquela contrastamos. Lembramos, reatualizando a lição proferida em 1927 por Lucien Febvre:

“ a história não se edifica pelo labor enciclopédico de alguns omniscientes – mas pelo esforço corajoso de homens de proveniência, de cultura e de aptidões diversas... supõe o zelo convergente de técnicos curiosos da sua técnica e do seu passado, mas que podem ser artesãos, engenheiros, químicos, etc.... historiadores propriamente ditos.” (1962, p.663).

Partindo de anteriores experiências de associar audiovisual e pesquisa sócio-histórica, procurou-se, ao nível técnico e formal, um rigor adequado à produção deste documento videográfico em que se faz a cartografia da exploração do Volfrâmio em Portugal, com particular ênfase na escala espacio-temporal, que melhor o delimita enquanto objeto de estudo – a que envolve as principais explorações da área geológica e mineira demarcada, na passagem da primeira para a segunda metade do séc XX. Cartografam-se, assim, com alguma exigência técnica, os principais *fatores de localização* (MENDES, 1986, p. 130) aqui concentrados num recurso natural – o Volfrâmio = Volfro = Tungsténio.

Carream-se materiais visuais e sonoros para releitura (s) da lendária época do Volfrâmio, mais ao Norte, período da fárria, enquanto ao Sul, Lisboa, era placa giratória de espíões, refugiados judeus e emigração em trânsito, mobilidades intensas, incertas, como tudo em momentos de fundas fraturas em que o dinheiro era tanto nas mãos dos que até aí só elas seguravam a enxada, quanto nas dos que fumavam cigarros feitos de notas de mil, comiam galinha com pão de ló e cantavam ébrios de abastanças em época de fome e mercado negro. As ruínas documentadas das importantes infraestruturas construídas para essa exploração desenfreada são outros tantos fatores de radical mudança das pai-

sagens naturais e humanas e sinais de entrada abrupta e irreversível de Portugal em um mundo do pós-guerra, em um movimento algo paralelo ao da entrada da mulher rural em um mercado de trabalho incrustado numa economia internacional de guerra.

Sob o que os nossos olhos viram e a nossa curiosidade indagou, é sempre útil lembrar que outros, naturais e forasteiros, pisaram idêntico traçado de caminhos. Por nós, *metemos botas à terra*, como dizem os mineiros... quais toupeiras, jovens os pulmões já cheios do “pó”, que, em breve, os haveria de matar de silicose. Olhamos as carcaças enferrujadas nas encostas abruptas do monte, em frente ao rio quase seco bordado pelos carris (levariam por certo os minérios lavados a outras minas...), único sinal visível da imponente companhia de exploração de volfrâmio. Mesmo em frente, ao lado de cá das minas da Borralha, outra encosta abrupta no sopé esventrada. Perde-se o olhar e o entendimento das cantadas riquezas mineralógicas das terras de Barroso, no espetáculo visível de restos de destroços, furacão ou desastre gigantesco!? Referimo-nos a representações ainda tão por dentro das nossas lógicas do mundo que a sua inteligibilidade se refracta constantemente. Ao ponto de não sabermos se, ao interrogar-nos sobre a congelada questão (inter)nacional do volfrâmio, perseguimos um real objeto empírico de estudo ou tão só uma ideia em movimento, um fantasma, ou um espectro, o espectro da contingência, do excesso e carência simultâneas, da fάρria e da míngua, do dispêndio e da subsistência, do estar, em simultâneo, dentro e fora dos acontecimentos institucionalizados como grandes e decisivos para o avanço das coisas do mundo, da voragem social. Esta, em momentos assim passageiros, recorrentes, tornada mais visível em uma das suas dimensões – sorvedouro de trabalho humano obscuro e espetáculo mimético do que nos processos agitados dos furacões se caldeia e revolve, núcleo originário da transformação social.

Fugimos de rever-nos nos filhos de tantos desses comerciantes do Norte português, gordos do dinheiro fácil e facilmente gasto, que investiram seus “pés de meia”, feitos na fartura imprevista, sustentada pela técnica e pelas máquinas exportadas pelo “inimigo-aliado” alemão, a par da burocracia que se caldeia à mistura com a (re)nascente engenharia nacional, fartura logo estancada pelas férreas normas da lei e da polícia de um “estado novo”, em certa medida canalizada para as suas grandes obras, que, também, aí assentou a sua ilegitimidade, ancorada na concessão, por via indireta, das Lajes (Açores) para base militar americana.

Paralelamente, procuramos, de forma sistemática, a reconstrução progressiva de um método de abordagem para:

- a) decompor um objeto complexo – fugaz e perene, desmesurado e contido, breve e dilatado no espaço – tempo de referência que ajuda a revoltar;
- b) encontrar formas de convergência natureza-sociedade, elemento explicativo de dimensões não negligenciáveis na análise da questão do Volfrâmio, não tanto pela via da observação do processo de construção de infraestruturas informacionais, pela via de manipulação estratégica das tecnologias, uma das bases de produção do conhecimento científico/técnico, mas, fundamentalmente, pelas vias de procura de inteligibilidade das dinâmicas e dos processos de construção social e histórica das nossas condições de produção de conhecimento.

O pensamento é aqui entendido como *processo de subjetivação*, não como retorno ao sujeito, mas, antes, da constituição de modos de existência, de novas possibilidades de vida, a existência como obra de arte e o perceber como pelos estratos se passa de umas determinações a outras.

Na “deslocalização” de máquinas e técnicas (meios de produção), *versus* maximização da oportunidade de aproveitamento de um nicho de recursos locais (matéria-prima e mão-de-obra), na preta da maior conflagração mundial, o Volfrâmio é considerado, sobretudo, fator de diferimento da visibilidade de um impasse da não industrialização nacional e da questão da malformação da burguesia portuguesa. Como se tratasse de um grande inchaço de capital acumulado em tempo muito curto, esse processo histórico permitiu que não houvesse industrialização, contribuiu, também, para que continuasse adiada e, de alguma maneira, reforçou esse adiamento, que perversamente deu ocasião de o adiamento se transformar em perda irrevogável, podendo, indiretamente, ter dado azo à fabrilização, processo que, no caso português, contrapomos ao de industrialização (LAGE, 1995).

Entendeu-se, hipoteticamente, o volfrâmio como largamente detonador/condicionador de um singular desenvolvimento histórico e social, o português. A hipótese de partida foi a de que as largas massas, que para trabalhar nas minas abandonaram os campos, a estes não regressaram quando as minas diminuíram drasticamente a produção e progressivamente fecharam, sem que, por isso, houvessem constituído, em Portugal, o designado “exército de reserva de mão-de-obra industrial”: a maioria dos que não morreram de silicose, emigrou.

Outro problema que a propósito da questão do volfrâmio se coloca é, como se disse, a da interrelação homem-natureza. Pela sua atividade produtiva, os homens imprimem, nos e através dos objectos (designadamente dos meios de produção por si produzidos), a natureza da marca que os singulariza enquanto homens – natureza – na – natureza.

Tudo isto, matéria prima da investigação realizada, como em gíria mineira “o tal e qual” (tout venant) que sai da mina em resultado do desmonte, plasmou-se, parcialmente, no produto da pesquisa – o documentário vídeo “Os que não morreram velam” aqui sumariamente apresentado.

REFERÊNCIAS

LAGE, M. Otília Pereira. **Comunidade e Fábrica. Na linha de fronteira Tradição – Inovação: Um caso no modo português de industrialização.** 1995. Tese. (Mestrado em policopiada) – Braga: U. M., 1995. p. 340 – 353.

BASTIDE, Roger. **Antropologia Aplicada.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.

GRISLAIN, J; LE BLAN M. “L’ait de bâtir chez les Roubaisiens”: la filature Motte Bossut (1853 – 1985) In: **Revue du Nord**, 265, p. 485-516, 1985.

MENDES, José Manuel. “Recensão crítica a ‘Autópsia de Um Mar de Ruínas’, de João de Melo”. In: **Revista Colóquio/Letras.** Recensões Críticas, n. 94, p. 129-130, nov. 1986.